

## PRÁTICAS TEATRAIS NO MST<sup>1</sup>

Márcia Pompeo Nogueira<sup>2</sup>; Guilherme Rótulo<sup>3</sup>.

Palavras-chave: Teatro em Comunidade; MST; Místicas; CTO.

**Resumo:** Esta pesquisa visa investigar o fazer teatral do Movimento dos trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). No panorama proposto, incluímos as Místicas, que existem desde a criação do MST, em 1984, e o Teatro, sistematizado em 2001 a partir da parceria com o Centro do Teatro do Oprimido. Analisamos como a apropriação do teatro por este movimento político gera uma organização que favorece a disseminação de forma articulada dessa prática.

### Introdução

A presente investigação faz parte do Projeto de Pesquisa “Banco de Dados em Teatro para o Desenvolvimento de Comunidades<sup>4</sup>”, que inclui entre seus objetivos a proposta de dar visibilidade a práticas de teatro em comunidades, no Brasil.

O interesse pelo teatro do MST partiu do contato com o grupo “Filhos da Mãe... Terra”, do assentamento Carlos Lamarca, de São Paulo. A montagem tinha o objetivo de divulgar as dificuldades do MST em expor, para a sociedade, sua verdadeira luta em função do controle de informação exercido pela mídia.

A presente pesquisa fundamenta-se em dados encontrados em livros, artigos, *sites* na Internet, e jornais do Movimento, para identificar práticas teatrais desenvolvidas por integrantes do MST. Infelizmente, tivemos dificuldades para acompanhar uma prática teatral dos Sem Terra, ao longo deste ano de pesquisa. Provavelmente, em função de estarem sendo alvo de tentativas de desmobilização, a entrada de pessoas estranhas nos acampamentos e assentamentos está restrita. Todos os contatos feitos encontraram dificuldades e acabaram por não se concretizar<sup>5</sup>. Neste sentido, a pesquisa de campo prevista ficou prejudicada.

<sup>1</sup> Projeto de Pesquisa Banco de Dados em Teatro para o Desenvolvimento de Comunidades. CEART/UEDESC

<sup>2</sup> Orientadora, Professora do Departamento de Artes Cênicas – Av. Madre Benvenuta, 2007 CEP: 88.035-001 Itacorubi – Florianópolis – SC

<sup>3</sup> Acadêmico do Curso de Artes Cênicas – CEART/UEDESC – bolsista de iniciação científica PROBIC

<sup>4</sup> Coordenado pela professora Marcia Pompeo Nogueira.

Justifico a escolha desse tema por entender que o trabalho de teatro do MST pode trazer mais dados sobre a perspectiva política do Teatro na Comunidade. Ao mesmo tempo, acredito que esta pesquisa pode contribuir para divulgar à sociedade informações sobre o MST e sua prática artística, que muitas vezes fica a mercê do olhar tendencioso da Mídia.

Os dados que encontramos apontam para basicamente duas modalidades teatrais do Movimento, as Místicas e os Grupos de Teatro.

## 1 As Místicas

As místicas são representações artísticas desenvolvidas coletivamente pelos militantes do MST há cerca de vinte anos. Segundo João Pedro Stedille, elas têm o objetivo de manter o engajamento e a unidade dos militantes, na luta pela reforma agrária no Brasil (Stedille, 1999, p.130).

Segundo Stedille, essas representações são feitas por meio de símbolos que ligam os fatos da luta com uma experiência de elevação da alma, mas não se limitam ao sentido de “diversão metafísica ou idealista” que desmobiliza o Movimento. Elas reavivam e impulsionam os militantes ao avanço da luta pela reforma agrária no Brasil (1999, p.130).

A origem das místicas está vinculada a práticas religiosas e embasa-se na Teologia da Libertação. Elas vêm a liturgia da Igreja Católica a partir de “uma releitura das Sagradas Escrituras na perspectiva dos oprimidos” (Morissawa, 2001. p. 105). Através da utilização de símbolos, conquistou-se uma unidade que contribuiu para que o movimento não fosse logo dissolvido. Hoje, o MST tem proporções nacionais e conta com seus símbolos para essa luta persistir.

Nas lutas sociais existem momentos de repressão que parecem ser o fim de tudo. Mas, aos poucos, como se uma energia misteriosa tocasse cada um, lentamente as coisas vão se colocando novamente e a luta recomeça com maior força. Essa energia que nos anima a seguir em frente é que chamamos de ‘mistério’ ou de ‘mística’. Sempre que algo se move em direção a um ser humano para torná-lo mais humano aí está se manifestando a mística (Morissaua, 2001, p.209).

<sup>5</sup> Os contatos feitos durante a pesquisa foram: Douglas Estevam, integrante do grupo Filhos da Mãe... Terra, de São Paulo, tanto para observar trabalhos do seu grupo em São Paulo (nosso primeira tentativa), como para observar uma formação de grupo que aconteceu em Santa Catarina, em abril deste ano (segunda tentativa). Novos contatos foram feitos posteriormente, com o apoio de sindicalistas e professores universitários, mas também não resultaram em possibilidade de acompanhamento da prática teatral do MST.

As místicas também refletem uma expressão individual. Elas também devem apresentar algo que seja espontâneo, pertencente a um determinado coletivo, que é articulada com a expressão de um grupo que se posiciona em relação a fatos do cotidiano do movimento.

A Mística unifica a luta, fortalece a identidade dos assentados e acampados e torna-se um símbolo para os militantes do MST. Ela não deve ser apresentada somente em grandes eventos, mas realizada em todos os encontros ou festividades que reúnam muitas pessoas, “já que é uma manifestação coletiva de um sentimento” (Stedille, 1999, p. 130).

## 2 O Teatro

Cada grupo de teatro do MST está vinculado a um assentamento ou acampamento e desenvolve-se com a supervisão e assessoria do Coletivo de Cultura<sup>6</sup>. Até o ano de 2006, eram cerca de 38 grupos formados e atuantes no movimento (Santos, 2006. <http://www.freelists.org/archives/radiolivres/01-2006/msg00005.html>). Destes, os mais novos e com menos experiência atuam num ambiente local, desenvolvendo atividades culturais, de informação e formação política. Os que têm mais tempo de atividade e experiência atuam em âmbito regional e nacional, desenvolvendo oficinas, debates e seminários, tanto no meio urbano quanto no rural (Bôas, 2006. [www.mst.org.br](http://www.mst.org.br)).

### 2.1 A parceria entre MST e o CTO

Com a parceria do Coletivo de Cultura com o Centro do Teatro do Oprimido (CTO), de Augusto Boal, em 2000, houve um “curso de capacitação de Multiplicadores de Teatro do Oprimido, exclusivamente voltado para ativistas do MST, oriundos de todo o Brasil” (CTO, <http://www.ctorio.org.br/historico.htm>).

A relação do MST com o Teatro do Oprimido foi formalizada em 2001. Essa parceria trouxe um caráter sistemático à prática teatral no Movimento. Foram aplicados um conjunto de oficinas para viabilizar uma produção teatral que partisse da vivência das comunidades rurais, buscando fortalecer o diálogo dentro e fora do MST (Bôas, 2006).

---

<sup>6</sup> Coletivo de Cultura. Este “veio a se solidificar de forma sistemática a partir de 1996, embora a produção cultural faça parte das ações do MST desde o início de suas atividades” (Estevam, 2005. [www.mst.org](http://www.mst.org)). Uma das tarefas, do Coletivo de Cultura, é articular nos assentamentos e acampamentos, as produções que são trazidas de fora do movimento, como: seminários, oficinas culturais e grupos de teatro profissionais.

No contexto atual, o foco principal da parceria é a transferência dos meios de produção teatral para militantes do MST, portanto, há um vínculo entre técnica apreendida e a expressão social dos camponeses, que é matéria política para as peças (Bôas, 2006).

O Teatro Fórum, no nosso entender, é a principal modalidade do arsenal do Teatro do Oprimido. Trata-se de uma técnica desenvolvida por Augusto Boal que foca a criação de peças relacionadas com situações de opressão, que possam ser debatidas através da prática teatral. As situações de opressão são trazidas pelos participantes, ou investigadas pelos atores, mas devem sempre trazer um tema que permita uma profunda identificação com o público. A apresentação, chamada de modelo de ação, deixa sempre o final em aberto. Numa segunda apresentação, o público é estimulado a tomar o lugar do oprimido da obra. “O que se deseja é que os ‘espectatores’<sup>7</sup> intervenham e mostrem o que julgam ser a boa solução para o problema (Boal, 1999, p. 41).

O estímulo parte tanto da peça, como também do *curinga*<sup>8</sup>, que é responsável por dar liberdade para o público se pronunciar e intervir na obra.

A partir desse sistema do CTO, os assentamentos e acampamentos foram desafiados na busca de soluções para seus problemas. O teatro ganha, neste âmbito não apenas uma perspectiva de engajamento político, mas também um caráter de diálogo entre os militantes.

O Teatro do Oprimido vem demonstrando sua capacidade de identificar problemas de opressão e discriminação os quais as comunidades acampadas e assentadas encontram dificuldade para discutir em reuniões e assembléias, como é o caso das peças construídas com os temas do racismo, do machismo, da violência doméstica, da discriminação dos sem terrinha nas escolas da cidade, e o preconceito em torno da educação sexual. (Bôas, 2006).

Através dessas influências do CTO, viabilizou-se aos militantes uma primeira forma de elaboração do teatro com função política, não só dentro do MST como fora dele.

<sup>7</sup>Espect-atores é como Augusto Boal refere-se ao público.

<sup>8</sup>A função do *curinga* [é a de] explicar as regras do jogo, corrigir erros e encorajar uns e outros a interromper a cena e intervir. [Porém, ele] não é um conferencista, não é dono da verdade. Seu trabalho consiste em fazer com que as pessoas que sabem um pouco mais exponham seu conhecimento, e aqueles que se atrevem pouco ousem um pouco mais, mostrando aquilo de que são capazes (BOAL, 1999. p.33).

## **22 A Articulação do Teatro no MST: a Brigada de Teatro *Patativa do Assaré***

Uma detalhada avaliação das oficinas do CTO e os desdobramentos que ela proporcionou, foi realizada. Ela apontou para a necessidade de constituir uma identidade coletiva para os grupos formados no Movimento e proporcionar condições para eles estabelecerem contato.

Com o objetivo constituiu-se, em junho de 2001, um coletivo que se auto-intitulou de Brigada Nacional de Teatro do MST *Patativa do Assaré*<sup>9</sup>. Desenvolveu-se, então, um amplo sistema de encontros - marchas, cursos, festas e mobilizações, sejam eles nacionais, estaduais ou regionais – onde os grupos tiveram a oportunidade de se apresentar e trocar informações entre si e com o público.

Além desses encontros, criou-se “uma espécie de sistema interno no MST, em que grupos produzem peças, que são registradas por escrito, e o texto é enviado para outros coletivos” (Bôas, 2006). Assim há uma constante circulação das obras entre os coletivos. A Brigada de Teatro age como uma forma de amparar e subsidiar a criação teatral, através de oficinas ministradas por seus multiplicadores, para solidificar as estruturas teatrais dos assentamentos ou acampamentos do MST. Aos poucos, elimina-se “o caráter espontaneísta e [o Teatro] assume uma perspectiva consciente de sua responsabilidade política e estética” (Bôas, 2006.), dentro e fora do Movimento.

## **23 O Teatro como instrumento na Formação dos Militantes do MST**

O Teatro-Fórum foi apropriado por outros setores do MST e utilizado como processo de avaliação das turmas do Curso Básico de Formação de Militantes, da Escola Nacional Florestan Fernandes (Bôas, 2006).

O teatro toma dimensões que começam a escapar dos limites da encenação da obra de arte, e passa a ter um caráter de formação pedagógica e instrumento de avaliação das atividades do Movimento.

[Notamos que] para além de multiplicadores da técnica, teríamos de assumir também a postura de formadores, para melhor trabalhar o vínculo entre a demanda dos conteúdos dos setores e a técnica teatral (Bôas, 2005).

<sup>9</sup>Homenagem ao grande poeta popular cearense” (Bôas, 2006. <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=1500>) DAPesquisa, Florianópolis, v.2, n.4, p. 082-089, 2007.

## 24 A produção teatral para o público externo ao MST

O MST tem um objetivo e a necessidade de informar as comunidades, ao redor dos assentamentos e acampamentos, das reais intenções do movimento, sem que haja um filtro da Mídia. Dessa forma, pode-se contra-atacar seu caráter de distorcer informações desse movimento.

O Teatro se tornou um canal de comunicação, uma forma de entrar em contato com as pessoas que estão fora do Movimento, para que essas entendam suas ações e os objetivos. E por outro lado há uma certa curiosidade dos espectadores de fora do movimento, em ouvir o outro lado da história. (referência)

Assim, para o público externo, a produção se caracteriza por ser um teatro de *Agit-prop* (agitação e propaganda). Este foi desenvolvido e muito utilizado na URSS (ex-União Soviética) e na Alemanha, para engajar politicamente as pessoas numa luta contra o poder que estava instaurado, afirma-lo ou propagandear novos poderes.

Essa forma de fazer teatral tem uma raiz muito mais antiga, como afirma Pavis: “o *Agit-prop* tem antepassados distantes: o teatro barroco jesuítico, o auto sacramental espanhol e português” (referência).

No entanto, essa forma de teatro foi muito combatida, por sua visão maniqueísta da sociedade e pela rigidez que sua forma adquiriu, levando a um cansaço do Teatro Político, como se esse tivesse sempre que se limitar aos punhos fechados e o uso exagerado de palavras de ordem.

Grupos de teatro político mais atuais, relêem essa forma esteriotipada do fazer teatral. Eles criam e exploram outras vertentes do teatro político. Segundo Pavis, a razão para esses grupos terem feito uma nova leitura do *Agit-prop*, foi que:

Talvez eles hajam compreendido que o discurso político mais exato e mais “ardoroso” não poderia convencer, num palco ou numa praça pública, se os atores não levassem em conta a dimensão estética e formal do texto e de sua apresentação cênica (Pavis, 2005, p. 380).

Como não pudemos observar a prática teatral do MST, ficamos impossibilitados de afirmar se o teatro do MST, incluindo a influência do CTO, se embasa nesse novo ou no antigo modelo de *Agit-prop*, na encenação de suas críticas à sociedade burguesa.

## 25 Grupos que influenciam o fazer teatral do MST

Dentre as providências tomadas pela Brigada de Teatro, está a de manter um vínculo permanente com grupos profissionais de teatro, entre eles estão: *Ói nós aqui Traveis* do Rio Grande do Sul, e a *Companhia do Latão* de São Paulo.

Esses grupos de teatro se simpatizam com os ideais do MST, unem-se ao Movimento e trazem outras perspectivas do fazer teatral. Com isso a produção teatral não se perde ou fixa-se em formas esquematizadas, o que poderia tornar essa produção ultrapassada e, por assim dizer, precária. Através dessa iniciativa, as experiências teatrais do MST puderam ter novos parâmetros, novos modelos estéticos e novos desafios.

Na Universidade de São Paulo, Guilherme teve contato com o grupo de teatro do assentamento Carlos Lamarca, *Filhos da Mãe... Terra*, dirigido pelo Militante Douglas Estevam.

Na ocasião, tratava-se de um ensaio aberto da obra *Fazendeiros e Posseiros* – adaptação da peça didática *Horácios e Curiácios*, de Brecht. A estrutura utilizada foi bem simples, o palco dividido em duas metades por uma cerca, representando o latifúndio e os Militantes no acampamento que preparavam-se para a ocupação. Os figurinos eram simples e havia a manipulação de ferramentas de lavoura (pás, enxadas e etc).

Identifica-se, na montagem, a forma com que o Movimento dos Sem Terra produzem suas obras teatrais para o público externo. Utiliza-se uma linguagem simples, na qual o grupo não se posiciona como dono da verdade. Eles argumentam e revelam questões que envolvem a Reforma Agrária, o Agro Negócio e a violência que o MST enfrenta em suas ações. Por fim, realizam um debate onde essas indagações e dúvidas podem ser aprofundadas.

### Observações finais

A partir desses estudos, pudemos verificar a seriedade com que o MST vem encarando a prática teatral ao transformar o Teatro num instrumento de diálogo interno e externo ao Movimento. Em poucos anos muitas trocas parecem já ter se concretizadas.

Refletindo sobre a relação entre a Mística e o Teatro, notamos as especificidades dessas duas manifestações culturais. Percebemos, através de imagens divulgadas no jornal Brasil de Fato<sup>10</sup>, que as Místicas estão se desenvolvendo esteticamente, construindo imagens fortíssimas nos encontros nacionais do Movimento. Essas imagens desafiam ainda mais nossa curiosidade sobre as manifestações teatrais no MST.

## Bibliografia

- STEDILE, João P. FERNANDES, Bernardo M. **Brava Gente: a trajetória do MST e a luta pela Terra no Brasil**. São Paulo: Perseu Abramo, 1999.
- MORISSAWA, Mitsue. **A História da Luta pela Terra e o MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2001.
- PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BOAL, Augusto. **Jogos para Atores e Não Atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- LIMA, Eduardo Sales de. “A Celebração do Mistério” in: **Jornal Brasil de Fato**, Ano 5 – nº 225, 2007.
- ESTEVAM, Douglas. “Teatro e Movimentos Sociais: trajetória de uma estética política na luta de classes”. **Brigada de Teatro Patativa do Assaré – MST**. (Não publicada).
- Tribo de Atuadores Ói Nós Aqui Traveiz. “Teatro Popular, Território e Movimento” <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=2207>.
- Centro do Teatro do Oprimido. “MST - Patativa do Assaré”. In: <http://www.ctorio.org.br/mst.htm>.
- , “Teatro do Oprimido e MST”. In: <http://www.ctorio.org.br/historico.htm>.
- BÔAS, Rafael. “Sem Terra Identificam suas lutes em experiências teatrais do MST”. In: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=1500>.
- , “Teatro e Reforma Agrária: a inserção do Teatro do Oprimido no MST”. In: <http://www.mst.org.br/mst>.

<sup>10</sup>Brasil de Fato, ano 5, No 225, 2007.